

## **Audiodescrição no ensino para pessoas cegas**

### ***Audiodescription for teaching for blind people***

**Elton Vergara Nunes 1<sup>1</sup>**

Universidade Federal de Santa Catarina, SC

**Marcus Vinícius Liessem Fontana 2<sup>2</sup>**

Universidade Federal de Santa Maria, RS

**Tarcísio Vanzin 3<sup>3</sup>**

Universidade Federal de Santa Catarina, SC

#### **Resumo**

Neste artigo, apresentam-se, na primeira parte, princípios pedagógicos que embasam a inclusão escolar das pessoas com deficiência, com foco no estudante cego. A inclusão no ensino só se torna possível e plena com a mudança na cultura das relações sociais que acontecem na escola e com a mediação de tecnologias assistivas. As tecnologias assistivas têm seu foco no usuário com deficiência e objetivam a dar-lhe autonomia em suas ações cotidianas e acesso aos bens e serviços existentes, bem como às informações disponíveis. Na escola, isso significa permitir ao aluno a apropriação dos conteúdos e participação nas atividades como os demais colegas. No contexto escolar, entretanto, o acesso aos conteúdos visuais ainda é uma barreira a ser vencida pelo estudante cego. Para tanto, dentro das tecnologias assistivas, apresenta-se a audiodescrição como alternativa viável de acessibilidade e inclusão escolar. Aqui, pretende-se mostrar esse potencial através de revisão da bibliografia e de mostras práticas dessas aplicações.

#### **Palavras-chave**

audiodescrição, acessibilidade, ensino

#### ***Abstract***

*This article presents, in first part, pedagogical principles for base of school inclusion of people with disabilities, in special the blind student. Inclusion in education only*

---

<sup>1</sup> vergaranunes@gmail.com

<sup>2</sup> marcusfontana2011@gmail.com

<sup>3</sup> tvanzin@yahoo.com.br

*becomes possible and full with the change in the culture of social relations that happen in school and with the mediation of assistive technologies. Assistive technologies have their focus on the user with disabilities and aim to give it autonomy in their everyday actions and access to goods and services, as well as information available. At school, it means allowing the student take ownership of content and participate in activities like the other gentlemen. In the school context, however, the access to visual content is still a barrier to be overcome by blind student. Thus, among the assistive technologies, the audiodescription presents herself as viable alternative for school inclusion and accessibility. Here, we show this potential through literature review and practice examples these applications.*

**Keywords**

*audiodescription,*

*accessibility,*

*teaching*

## 1. Introdução

Segundo os censos de 2000 e 2010, o Brasil tem uma população de cerca de 19 milhões de pessoas com deficiência visual, entre cegos e baixa visão. Dentro desse contingente populacional, muitos estão em idade escolar. A inclusão escolar tem sido uma das metas do governo federal desde a Constituição de 1988 e explicitada na LDB em 1996. Na Convenção da ONU de 2006 (BRASIL, 2007), esses propósitos ficaram consolidados, com validade no Brasil com status de emenda constitucional. A inclusão agora é lei, mas acima de tudo é um respeito ao ser humano em sua diversidade e riqueza. A inclusão escolar ocorre com o apoio de recursos assistivos que permitem o acesso dos alunos aos espaços escolares e possibilita a realização das atividades.

É necessário, pois,

realizar ou promover a pesquisa e o desenvolvimento, bem como a disponibilidade e o emprego de novas tecnologias, inclusive as tecnologias da informação e comunicação, ajudas técnicas para locomoção, dispositivos e tecnologias assistivas, adequados a pessoas com deficiência, dando prioridade a tecnologias de custo acessível. (artigo 4, BRASIL, 2007).

Assim, como parte desse compromisso com a inclusão social, quer-se neste texto apresentar sugestões de uso do recurso assistivo da audiodescrição no contexto escolar dentro da perspectiva da educação inclusiva com foco no aluno cego. Para tanto, parte-se do princípio de que os alunos cegos aprendem da mesma forma que os normovisuais. As necessidades específicas desses alunos se refere à forma como podem acessar os materiais didáticos, especialmente os conteúdos visuais.

O presente artigo está dividido numa rápida revisão sobre a aprendizagem de estudantes cegos, seguida de um histórico e definição das tecnologias assistivas para em seguida apresentar a audiodescrição dentro desse contexto.

## 2. Os processos de aprendizagem de pessoas cegas

Conforme Sá et al. (2007), no processo de ensino-aprendizagem de pessoas com deficiência visual, devem-se privilegiar todos os sentidos remanescentes. Pode parecer óbvio, porém, talvez o elemento mais importante dessa afirmativa seja a palavra *todos*. Isso quer dizer que uma aprendizagem significativa para esse público acontece quando o professor consegue estimular adequadamente todos os seus sentidos, que vão se combinar e, em conjunto, construir as lacunas criadas pela falta de visão.

A fim de possibilitar essa construção multissensorial, as autoras sugerem o uso, claro, do sistema braille, unido a outros elementos, como o trabalho com atividades físicas, com músicas, com aromas, com texturas, com diversas sensações táteis, entre muitas outras possibilidades. Tudo isso unido a um adequado aproveitamento do espaço físico e do mobiliário, uma comunicação fluida e um relacionamento construído sob a base da confiança mútua.

Logicamente que, em uma educação no sistema presencial, essa estimulação múltipla se torna mais fácil. Na educação a distância, mediada por tecnologias, em especial pelo computador, como poderíamos estimular o olfato, por exemplo? Essa resposta não existe. Pelo menos, ainda não. Segundo Carvalho (2001), por exemplo, há seis categorias de geradores de informação para o aprendizado de pessoas com deficiência visual: geradores de informação visual ampliada, geradores de informação auditiva, geradores de informação tátil, geradores de informação olfativa, geradores de informação gustativa e transcritores. Em quatro dessas categorias já existem bons recursos tecnológicos que permitem uma estimulação adequada, que efetivamente colabora com o processo de aprendizagem. As categorias geradores de informação olfativa e geradores de informação gustativa, entretanto, ainda são mencionadas pelo autor como categorias vazias. Com o contínuo avanço das tecnologias, entretanto, não seria de estranhar se, em pouco tempo, essas lacunas fossem preenchidas.

### **3. As tecnologias assistivas e seu papel social de inclusão**

Posto que os alunos cegos, como os demais estudantes, aprendem a partir de suas relações sociais, e que a visão não é determinante em sua limitação, mas as possibilidades de interação com seus colegas e professores, deve-se buscar eliminar as barreiras primárias que impedem que o cego se aproprie dos objetos e receba as primeiras informações sobre eles. As tecnologias assistivas, também chamadas *tecnologias de apoio*, podem fazer esse papel de mediadores entre o sujeito e o objeto.

As tecnologias têm seu foco na pessoa com deficiência e objetiva permitir-lhe realizar tarefas cotidianas com autonomia e independência. (BERSCH, 2008). A ênfase na independência do indivíduo usuário dessas tecnologias está presente em diversos autores, pois “contribuem para proporcionar ou ampliar habilidades funcionais de pessoas com deficiência e consequentemente promover vida independente e inclusão” (ASSISTIVA, 2010). O mesmo ocorre no ambiente escolar onde elas são adotadas.

No campo da educação, essas tecnologias permitem aos alunos realizar suas tarefas escolares, bem como dar-lhes o acesso necessário para conhecimento dos conteúdos dos materiais didáticos. Para tanto, porém, esses devem ser pensados segundo o desenho universal, que elimina as possíveis barreiras de um produto, ou adaptados conforme determina a Lei 10.098/2000 (BRASIL, 2000), que trata da acessibilidade.

A eliminação de barreiras é feita através de adaptações tanto no ambiente, através de modificações arquitetônicas, como na organização desse ambiente, como modificação na posição de cadeiras e mesas, ou ainda com a adoção de equipamentos de suporte, como computadores. Mas acima de tudo, deve-se pensar a acessibilidade como um todo, desde a concepção dos produtos. Na educação isso se refere a conceber materiais didáticos que permitam o acesso de alunos cegos aos seus conteúdos. Para os textos, softwares leitores de tela podem resolver sem maiores problemas, desde que esses textos tenham uma versão digital. A questão que se aborda aqui se refere aos conteúdos visuais dos materiais didáticos.

### **4. A audiodescrição no ensino**

A audiodescrição é uma tecnologia assistiva que propicia às pessoas cegas ou com deficiência intelectual o acesso a obras diversas com conteúdos visuais Toda a

imagem com conteúdo relevante para a compreensão da obra é transformada em palavras. Trata-se de um trabalho técnico do campo da tradução visual. Deve ser executado pelo audiodescritor roteirista, que elabora todos os textos a serem narrados, com a indicação clara dos momentos dessas falas. Posteriormente o trabalho passa ao audiodescritor narrador, responsável pela leitura com tom de voz e ritmo adequados à obra e ao público, seguindo fielmente o texto roteirizado. O trabalho da audiodescrição em todas as suas fases deve ser acompanhado pelo audiodescritor consultor, preferencialmente uma pessoa com deficiência visual, que interfere com sugestões e críticas para melhoria da qualidade do produto a ser oferecido.

Trata-se de um recurso técnico com potencial de inclusão, e que pode ser adaptado às diferentes condições ambientais, e aplicado nos diferentes contextos. Desta forma, revela-se como potenciador de inclusão também em sala de aula, no contexto da educação inclusiva no ensino a estudantes cegos. Esta audiodescrição pode ser feita de maneira mais informal pelo professor, que audiodescreve não somente o ambiente escolar para seus alunos cegos, mas também todos os conteúdos visuais e materiais utilizados nas atividades de ensino. Neste caso, muito mais que uma técnica de tradução, trata-se de uma cultura de inclusão, que pode e deve contagiar também os colegas estudantes, ao seguirem as técnicas da objetividade e clareza na audiodescrição de elementos visuais.

Porém, percebe-se uma grande demanda não atendida da audiodescrição na produção de materiais didáticos.

A legislação brasileira garante a inclusão escolar das pessoas com deficiência no sistema regular de ensino<sup>4</sup> e indica a necessidade de adaptação das escolas para esse atendimento inclusivo. Às pessoas com deficiência é garantida a acessibilidade aos meios de comunicação e informação também através da Convenção da ONU de 2006 (BRASIL, 2007), que, no Brasil – por ser signatário –, tem equivalência à emenda constitucional. No que se refere a estudantes cegos, isso só é possível se forem garantidas as condições para seu acesso aos conteúdos escolares e aos materiais didáticos.

Graças à modernidade das técnicas de impressão, qualidade nas produções e concorrência no mercado editorial, os livros didáticos de todos os níveis trazem cada vez conteúdos visuais em suas páginas. Muitos conteúdos em disciplinas como geografia, artes, história, línguas estrangeiras, entre outras, se utilizam de imagens e gráficos para ensinar aos alunos os conteúdos escolares. Desta forma, aqueles alunos que não tenham acesso a essas imagens ficarão prejudicados e perderão no processo de aprendizagem.

A audiodescrição vem sendo adotada especialmente nos contextos da cultura e lazer. Diversas peças teatrais e sessões de cinema vem adotando o recurso, bem como produções comerciais como DVDs e comerciais<sup>5</sup>. O começo da oferta do recurso na televisão brasileira está previsto para 1º de julho de 2011, conforme determina a Portaria 188, de 24 de março de 2010 (BRASIL, 2010). Entretanto, a produção de

---

<sup>4</sup> Em <<http://revistaescola.abril.com.br/inclusao/inclusao-no-brasil/legislacao-educacional-trata-inclusao-482187.shtml>>, apresentam-se diversos textos legais que tratam do assunto.

<sup>5</sup> Ver mais informações sobre as produções com audiodescrição no Brasil em <http://comaudiodescricao.blogspot.com/>

livros didáticos com audiodescrição ainda é inexistente.

Motta (2011) também defende o potencial do recurso para o ensino. Para ela, “o uso da audiodescrição na escola permite a equiparação de oportunidades, o acesso ao mundo das imagens e a eliminação de barreiras comunicacionais.”

Na escola, o próprio professor pode descrever o universo imagético presente em sala de aula como ilustrações nos livros didáticos e livros de história, gráficos, mapas, vídeos, fotografias, experimentos científicos, desenhos, peças de teatro, passeios, feiras de ciências, visitas culturais, dentre outros, sem precisar de equipamentos para tal, mas ciente da importância de verbalizar aquilo que é visual, o que certamente irá contribuir para a aprendizagem de todos os alunos. (MOTTA, 2011)

Apesar disso, alguns autores vêm se ocupando com estudos e propostas para a acessibilidade dos cegos aos materiais escolares.

Fontana (2009, 2010a) apresenta larga pesquisa na perspectiva do ensino de língua espanhola para estudantes cegos na modalidade a distância, indicando as possibilidades da tecnologia como mediadora no ensino, a partir da perspectiva da teoria da atividade.

Guedes (2011) propõe a adoção das tecnologias assistivas como possibilitadoras de inclusão no contexto escolar, em particular

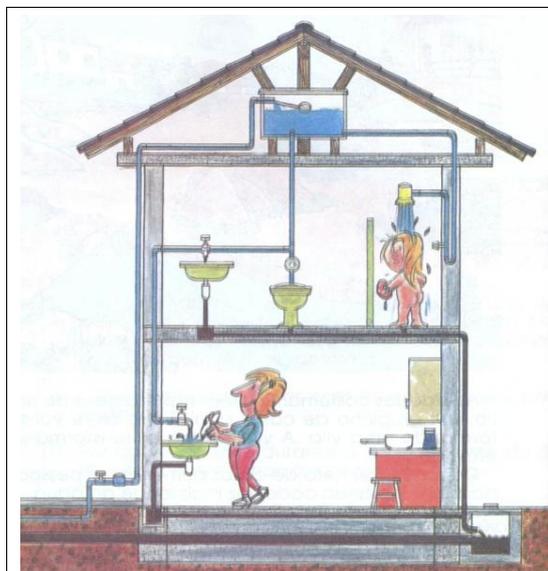
a audiodescrição, que se constitui como um serviço especializado capaz de promover a acessibilidade comunicacional de pessoas cegas e com baixa visão, além de contribuir para o acesso à informação de pessoas disléxicas ou que apresentem outros tipos de transtornos relacionados à leitura. A audiodescrição transita, pois, pelo viés da comunicação, assumindo o papel de transmissora de informações que, inicialmente, estariam disponíveis apenas no plano visual, a exemplo de imagens estáticas (tais como fotografias), cenas dinâmicas (veiculadas no cinema, TV ou teatro), além de textos e legendas impressas. (GUEDES, 2011, 3)

Vieira e Lima (2010) focam suas críticas e propõem alternativas para os materiais didáticos em sala de aula com a adoção da audiodescrição nas práticas de ensino. Os autores advertem sobre as “descrições presentes nos livros didáticos e outras, uma vez que, em todos os casos, se poderá estar diante de abundantes informações visuais (VIEIRA; LIMA, 2010, 5). Assim, defendem que

dado o caráter estratégico do material didático no desenvolvimento intelectual dos alunos, é mister ampliar o estudo de técnicas que venham, de forma padronizada e segura, adequá-lo a uma ampla gama de necessidades estudantis, mormente de acordo com os princípios do desenho universal. (p. 6)

Desta forma, defendem ser a audiodescrição o recurso mais adequado para atender essa necessidade dos alunos cegos, pois acreditam que da mesma forma que em outros diversos contextos de uso do recurso de acessibilidade para empoderamento dos usuários dos conteúdos visuais, os alunos também podem ser beneficiados com sua adoção no ambiente escolar: “Como se tem visto nos muitos exemplos de sucesso alcançados pela aplicação da técnica de tradução visual em outras mídias, a áudio-descrição trará, ao espaço escolar, significativa contribuição para a aprendizagem dos

alunos com e sem deficiência.” (VIERA; LIMA, 2010, 6). Os autores apresentam um exemplo de descrição de uma imagem, que pode servir como roteiro para a gravação de uma audiodescrição, em que se vê a sua relevância. Trata-se de uma imagem de um livro didático, em que se pede aos alunos que respondam questões relativas à instalação hidráulica, com base apenas no que vêem. Alunos cegos ficam impedidos de realizar a tarefa, a menos que contem com descrição da imagem.



**Figura 1:** Sistema hidráulico

*Um cano azul leva água, que passa por um hidrômetro e sobe para a laje de cima do primeiro andar enchendo quase toda a caixa d'água a qual também possui uma bóia. Da caixa, também por canos azuis, a água desce, no primeiro andar, para uma pia, para o vaso sanitário e para o chuveiro, onde uma menina está tomando banho, e para a pia do andar térreo, onde uma mulher lava os pratos. Canos marrons saem da parte de baixo da pia, do vaso, do chuveiro, da pia da cozinha e se juntam na caixa de esgoto, do lado de fora da casa, e à qual está ligado um grande cano marrom que vai dar na rua. (VIERA; LIMA, 2010, 9).*

O Grupo Midiace apresenta exemplos de audiodescrição de imagens, da exposição “Olhe por mim”<sup>6</sup>.

Nunes (2008) adverte sobre esse uso em sala de aula, alertando que deve ser uma “descrição fidedigna de ilustrações usadas pelo professor em sala de aula para que o aluno cego construa sua imagem mental o mais precisa possível”, como também devem ser descritas “as anotações do quadro devem ser relatadas pelo professor para que a pessoa cega possa acompanhar”.

Vergara Nunes et al. (2011a; 2011b) apresentam estudos e propostas que ampliam o uso da audiodescrição com objetivos educacionais e de acesso ao conhecimento em diferentes contextos de aprendizagem. Ao apresentarem algumas “possibilidades de aplicação da audiodescrição” abrem caminho para seu uso em aulas de geografia, por exemplo, com ampliação de tecnologias e serviços hoje existentes

à semelhança das fotografias do Panorâmio, disponíveis no Google Earth ou Google Maps, que fossem introduzidas audiodescrições de diferentes prédios e lugares, acessíveis através do receptor GPS do usuário. A disponibilização de audiodescrições de lugares, prédios e monumentos nesses mapas, e não apenas fotografias, já poderia ser um grande avanço de inclusão e acessibilidade (VERGARA NUNES et al., 2011b, 135-6)

Os autores discorrem por diferentes possibilidades de aplicação da audiodescrição no contexto escolar, dando sugestões práticas que incluem adoção de tecnologias assistivas para bibliotecas, propostas para artes, geografia, história e os livros

<sup>6</sup> <http://www.midiace.com.br/index.php?conteudo=exposicao&cod=7>

didáticos em geral.

Os livros didáticos distribuídos pelo governo estão isentos dessa questão econômica, já que os direitos autorais já foram pagos com o dinheiro público. Assim, os livros didáticos deveriam vir acompanhados de um CD/DVD contendo a leitura do conteúdo textual ali contido. Porém, como a cada dia as imagens são mais adotadas não somente para ilustrar ou complementar os textos, mas também para elas mesmas trazerem a informação essencial para a compreensão do conteúdo ensino, faz-se necessário que essas imagens tenham sua descrição também contida no CD/DVD. A audiodescrição do conteúdo visual dos livros didáticos financiados pelo governo deveria ser obrigatória, bem como a versão digital do conteúdo textual. Isso garantiria a inclusão escolar das pessoas com deficiência visual e seu acesso ao conhecimento ali disseminado. (VERGARA NUNES et al. 2011a, 219).

#### 4.1. Sugestões rápidas

A partir da experiência dos autores no ensino presencial e a distância, de projetos de pesquisa e extensão do qual foram e são coordenadores, como o projeto Audioteca Virtual de Letras<sup>7</sup>, da UFPel, e o projeto Além da Visão<sup>8</sup>, da UFSM, e de trabalhos diversos com a participação de pessoas cegas, apresentam-se as seguintes sugestões para o uso da audiodescrição no ambiente escolar:

a) Para aulas de língua estrangeira, na descrição de características físicas, tema comum em idiomas, a audiodescrição das imagens deve ser feita em língua materna do estudante, pelo menos nos níveis iniciais, a fim de que os alunos cegos sejam desafiados, como seus colegas, a buscarem seu conhecimento na língua alvo.

b) Em uma lição do livro didático de um cidade com diferentes estabelecimentos comerciais e de lazer, em que os alunos precisam localizar e dar e entender as instruções sobre sua localização geográfica, é necessária a audiodescrição. Isto possibilitaria plena participação do aluno cego. A pessoa cega tem normalmente curso de mobilidade e conhece estratégias de localização espacial que pode aplicar em sala de aula.

c) É importante advertir que legenda de uma imagem de um livro didático é diferente de descrição dessa imagem. Assim, é necessário audiodescrever todo o conteúdo visual relevante ali contido para que o estudante possa apreender o que for importante do conteúdo visual. Essa audiodescrição pode vir em um CD que acompanha o livro.

d) A sugestão citada anteriormente, de que os livros didáticos deveriam apresentar sempre uma versão em áudio com a audiodescrição de todas as imagens ali contidas, pode ser ampliada para que os livros didáticos sempre tenham uma versão digital de seus textos, lidos por voz humana. Isso seria uma edição de fato acessível no tocante às pessoas com deficiência visual.

e) A conduta de um professor inclusivo em sala de aula deve ser de alguém que se disponha a dar o exemplo aos próprios alunos e sempre audiodescrever não somente os gestos que tenham alguma mensagem visual, mas também todo o material que

<sup>7</sup> Fontana e Vergara Nunes (2005)

<sup>8</sup> Fontana (2010a e 2010b) e Culau (2010)

utiliza e ler em voz alta todo o conteúdo que escreve no quadro negro.

## 5. Considerações finais

Como pode ser observado, a inclusão escolar não acontece sem uma decisão política, institucional e cultural. A mudança na postura dos sujeitos envolvidos na ação educadora podem facilitar esse processo inclusivo. As tecnologias assistivas são indispensáveis para essa inclusão, desde que adotadas de forma a permitir à pessoa com deficiência sua formação plena como pessoa e como aluno. A audiodescrição apresenta-se como uma tecnologia de inclusão que propicia aos estudantes o acesso aos conteúdos visuais contidos nos materiais didáticos. Com sua adoção desde a concepção nos livros didáticos, assim como prática em sala de aula, a presença e permanência de alunos com deficiência visual junto às classes regulares pode ser uma realidade enriquecedora para o ambiente escolar por contar com a diversidade humana e demonstrar o potencial que cada um tem.

## 7. Referências

- ▲ ASSISTIVA. **Tecnologia e educação**. Disponível em <<http://www.assistiva.com.br/>>. Acesso em: 14 ago. 2010.
- ▲ BERSCH, Rita. **Introdução à tecnologia assistiva**. Porto Alegre: CEDI, 2008.
- ▲ BRASIL. **Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência**: Protocolo Facultativo à Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. Tradução Oficial/Brasil, Brasília: Presidência da República Secretaria Especial dos Direitos Humanos Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, Setembro/2007.
- ▲ BRASIL. Ministério das Comunicações. **Lei 10.098 – de 19 de dezembro de 2000**. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L10098.htm>>. Acesso em: 23 abr. 2010.
- ▲ BRASIL. Ministério das Comunicações. **Portaria 188 – de 24 de março de 2010**. Disponível em <<http://www.in.gov.br/imprensa/visualiza/index.jsp?data=25/03/2010&jornal=1&pagina=153&totalArquivos=184>>, acesso em 23 de abril. 2010.
- ▲ CARVALHO, J. O. F. **Soluções tecnológicas para viabilizar o acesso do deficiente visual à Educação a Distância no Ensino Superior**. Campinas: Unicamp, 2001. Tese (Doutorado em Engenharia Elétrica e Computação). Faculdade de Engenharia Elétrica e Computação, Universidade Estadual de Campinas, 2001.
- ▲ CULAU, Juliana Ilha et al. **Ciberespaço: tudo a ver, nada a perder!** Elaboração de material didático Para o ensino de espanhol online para deficientes visuais. In: 1º Congresso Internacional de Educação a Distância, 2010, Pelotas - RS. Anais do 1º Congresso Internacional de Educação a Distância da UFPel. Pelotas - RS: Editora da UFPel, 2010. v. 1.
- ▲ FONTANA, Marcus Vinícius Liessem. **A língua que não se vê: o processo de ensino-aprendizagem de espanhol mediado por computador para deficientes visuais**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras. Pelotas, Fevereiro de 2009.
- ▲ FONTANA, Marcus Vinícius Liessem. **Leio para que leias: literatura hispânica on-line para deficientes visuais**. In: IX Encontro do Círculo Linguístico do Sul, 2010, Palhoça - SC. Anais do IX Encontro do CELSUL. Palhoça - SC: Editora da Unisul, 2010a. v. 9. p. 01-10.
- ▲ FONTANA, Marcus Vinícius Liessem. **Mais que apenas ver: a leitura on-line em língua espanhola por deficientes visuais**. Signum: Estudos Linguísticos, Londrina, n. 13/1, p. 161-179, jul. 2010b.
- ▲ FONTANA, Marcus Vinícius Liessem; NUNES, Elton Luiz Vergara. **Audioteca Virtual de Letras: tecnologia para inclusão**. RENOTE. Revista Novas Tecnologias na Educação, v. 3, n. 2, p. 30, 2005.
- ▲ GUEDES, Livia Couto. **Os usos pedagógicos da audiodescrição: uma tecnologia assistiva a serviço da inclusão social**. Revista Nacional de Tecnologia Assistiva, Abril/2011, 6ª edição. <<http://www.revistanacionalta.org.br/pagina.php?idA=43>>, acesso em: 23 abril. 2011.
- ▲ MOTTA, Livia Maria Villela de Mello. **Inclusão escolar e audiodescrição: orientações aos educadores**. Disponível em <<http://educadorainclusiva.blogspot.com/2011/05/inclusao-escolar-e-audiodescricao.html>>, acesso em 23 mai. 2011.

- ^ NUNES, Odila Maria. **Ficha de identificação didático pedagógica do professor – PDE**. Cascavel, 2008. Disponível em <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1908-6.pdf>>, acesso em: 20 mai. 2011.
- ^ SÁ, Elizabet Dias de et al. **Atendimento Educacional Especializado: deficiência visual**. Brasília/DF: SEESP/SEED/MEC, 2007.
- ^ VERGARA NUNES, Elton et al. **Conhecimento escolar acessível: as possibilidades da audiodescrição na educação**. In: COSTA, Edemir; RIBAS, Júlio César da; LUZ FILHO, Sílvio Serafim da. (Org.). *Mídia, educação e subjetividade: disseminando o conhecimento*. Vol. 2, Florianópolis: Tribo da Ilha, 2011a. p. 1-18.
- ^ VERGARA NUNES, Elton et al. **Possibilidades de aplicações da audiodescrição**. In: VANZIN, Tarcísio; DANDOLINI, Gertrudes Aparecida. (Org.). *Mídias do conhecimento*. Florianópolis: Padion, 2011b. p. 116-141.
- ^ VIEIRA Paulo André de Melo, LIMA, Francisco José de. **A teoria na prática: áudio-descrição, uma inovação no material didático**. Disponível em: <<http://www.rbtv.associadosdainclusao.com.br/index.php/principal/article/download/27/20>>, acesso em: 15 abr. 2010.